

# OS CIGANOS DE *MACONDO* NA OBRA DE GABO E OS DE SOUSA, PARAÍBA, POR ELES MESMOS: UM DIÁLOGO ENTRE O FICCIONAL E O REAL NA PERIFERIA DO MUNDO

Elaine Maria Gomes de Abrantes<sup>1</sup>

Paulo Henriques da Fonseca<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, procedemos um diálogo entre a situação dos ciganos na obra ficcional de Gabriel García Márquez (1967), o Gabo como é também conhecido, e as entrevistas realizadas na cidade de Sousa, Paraíba, com um grupo da etnia *Calon* e inicialmente analisadas em artigo anteriormente publicado por Souza, Abrantes e Lima (2020). A obra “Cem Anos de Solidão” é uma das mais famosas na língua espanhola e retrata os ciganos em situação de nomadismo no enredo central. A situação de fixação territorial identificamos nos ciganos de Sousa, Estado da Paraíba, que pararam de migrar, há quase 40 anos. As aproximações e distanciamentos entre a obra ficcional e a realidade dos ciganos do sertão da Paraíba serão mediados por conceitos decoloniais de território e fronteira, periferias e centro. Observamos as semelhanças e diferenças através da sobreposição de trechos da obra literária componente do realismo mágico e das falas dos colaboradores do Rancho de baixo, o Rancho do chefe Eládio. Como personagens caracteristicamente portadores de uma distopia fantástica, os ciganos não são meros referentes dentro da construção literária e também social. Como tratamos de um grupo andante na ficção e fixados na realidade, o processo histórico que os define é diverso, mas não completamente destoante, posto que ambos se localizam na periferia do mundo, com vicissitudes próprias de uma cultura periférica. Daí que as lutas das minorias como a dos ciganos provocam, tanto em Sousa como em *Macondo*, os nichos do cosmopolitismo dominantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciganos; Realismo Mágico; Diálogo entre ficção e realidade; Grupos andantes e fixados; Periferia do mundo.

**ABSTRACT:** In this work, we carry out a dialogue between the situation of the gypsies in the fictional work of Gabriel García Márquez (1967), Gabo as he is also known, and the interviews carried out in the city of Sousa, Paraíba, with a group of the *Calon* ethnic group and initially analyzed in a previously published article by Souza, Abrantes and Lima (2020). The work “Cem anos de solidão” is one of the most famous in the Spanish language and portrays gypsies in a situation of nomadism in the central plot. We identified the situation of territorial fixation in the gypsies from Sousa, State of Paraíba, who stopped migrating almost 40 years ago. The approximations and distances between the fictional work and the reality of gypsies in the backlands of Paraíba will be mediated by decolonial concepts of territory and frontier, peripheries and center. We observe the similarities and differences through the superposition of excerpts from the literary work that is part of magical realism and the speeches of the collaborators of Rancho de Baixo, Rancho do Chefe Eládio. As characters characteristically bearers of a fantastic dystopia, gypsies are not mere referents within the literary and social construction. As we are dealing with a group moving in fiction and fixed in reality, the historical process that defines them is different, but not completely out of step, since both are located on the periphery of the world, with the vicissitudes of a peripheral culture. Hence, the struggles of minorities, such as that of gypsies, provoke, both in Sousa and in *Macondo*, the dominant niches of cosmopolitanism.

**KEYWORDS:** Gypsies; Magic Realism; Dialogue between fiction and reality; Walking and fixed groups; Outskirts of the world.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela UERN (2020). Possui formação em Direito (UFPB) e Letras (IFPB). É servidora do TJPB, lotada na Comarca de Sousa/PB. Compõe o Círculo de Pesquisa em Literatura, Estudos Decoloniais, Identidade e Mestiçagem (CPELEDIM), desde 2020. E-mail para contato: elamar\_pb@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Direito pela UFPE (2016). Possui formação em Letras (UERN), Direito (UFCG) e Filosofia (FAFIC-Cajazeiras). Professor da UFCG lotado na UAD, Campus de Sousa, e membro do Grupedih – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos, desde 2006. Contato: paulo.henriques@professor.ufcg.edu.br.

Os povos ciganos sempre evocaram muito mistério em torno de si e certas imagens continuamente remetem a eles, como a visão das tendas, leitura de mãos e roupas coloridas. Muitos estudiosos dos diversos ramos das ciências sociais já tentaram desvendar a origem e os elementos mais caracterizadores da identidade desses povos, divididos pelo mundo em, no mínimo, três grandes grupos, os *Roma*, os *Sinti* e os *Calon*. Mas, algumas lendas continuam fortes, a despeito de todo o esforço de divulgação de um conhecimento mais científico. Há versões fantasiosas, presentes sobretudo na literatura de ficção e no imaginário popular, e há outras versões mais verossímeis, apoiadas em estudos que entretanto, não ganharam ainda o *status* de totalmente conclusivos.

Um desses estudos foi realizado por nós e publicado em Souza, Abrantes e Lima (2020), fruto da análise de uma entrevista realizada com ciganos de um dos ranchos existentes na cidade de Sousa, Estado da Paraíba, durante a qual tivemos a oportunidade de inquirir o líder e um casal de idosos do Rancho do Eládio, um dos três ranchos de ciganos da etnia *Calon*, fixados há quase quatro décadas na cidade, sobre as impressões do que é ser um cigano no século XXI, conforme a vida e as experiências que conseguimos captar dos mais velhos.

Entretanto, diante da descontinuidade da pesquisa durante os últimos quase dois anos de pandemia (2020/2021), resolvemos desenvolver novo tipo de investigação, a partir do material já coletado, desta vez comparando as impressões sobre os ciganos presentes em uma obra de ficção literária e aquelas já trabalhadas por nós no artigo publicado na Revista (Con)Textos Linguísticos, volume 14, de 2020.

Embora seja a Europa o continente em que os ciganos formam a minoria social mais expressiva, posto que nas Américas os negros e os índios são demograficamente mais evidentes, por existirem em maior número, é entre nós, latino-americanos, que a etnia cigana ganhou destaque no realismo mágico de Gabriel García Márquez, o Gabo. Na segunda mais famosa obra literária de língua espanhola depois de Dom Quixote de Miguel de Cervantes, Cem Anos de Solidão traz um enredo que inclui diversas passagens contando as visitas de grupos ciganos no Vilarajo de Macondo, mostra o comportamento deles e alguns traços da cultura que apresentavam durante as constantes e curtas estadias, além do papel de destaque do chefe do grupo, um dos personagens principais da obra.

A partir desta obra de ficção, pretendemos contrastar as invenções de Gabo, como o autor é conhecido entre seus conterrâneos da Colômbia, e as transcrições das falas dos ciganos fixados na cidade de Sousa-PB, por ocasião da entrevista realizada no “Rancho do Eládio”, antes do início da pandemia de Coronavírus.

Assim, através da comparação entre os trechos do romance de Gabo e de trechos da entrevista realizada por nós, através do método da história oral e transcrita pela metodologia de turnos de fala proposto por Levinson (1992), esse trabalho pretende observar algumas diferenças e semelhanças entre a obra literária classificada como componente do “realismo fantástico” e a vida de um grupo de ciganos que cessaram seu processo de diáspora e se fixaram na cidade de Sousa, alto sertão do Estado da Paraíba, há quase quatro décadas.

Na análise comparativa que se procederá entre as impressões dos ciganos em Gabo e as falas dos ciganos de Sousa, Paraíba, utilizaremos categorias dos estudos decoloniais. Tais categorias estarão na periferia da análise, mas nem por isso menos impactante como o território, relações centro-periferia, minorias étnicas e majorias estabelecidas todos num cenário de precariedade “colonial”.

Para esse fim, resolvemos dividir este trabalho em *Introdução* que compreende a visão geral do texto com seu objetivo e método. Em seguida, sob o subtítulo *Os ciganos no mundo e em Sousa, Paraíba, Brasil* pretendemos realizar uma abordagem, do geral ao particular, sobre o que se sabe mais cientificamente sobre esses povos. Com o subtítulo *O realismo mágico de Gabo* discutiremos aspectos gerais do romance de Gabo, seu contexto de produção e as principais características do gênero que engloba. Sob a denominação *Comparações ficção e realidade, os ciganos de Macondo e de Sousa, Paraíba* pretendemos demonstrar as impressões sobre os ciganos presentes na obra e sua correspondência ou não com as falas contidas nas entrevistas. A aproximação do tema com a teoria decolonial pertinente faz-se no subtítulo *Os ciganos na periferia do mundo: Macondo e Sousa, Paraíba*. Para finalizar, traremos as *Considerações finais* e as *Referências*.

### **Os ciganos no mundo e em Sousa, Paraíba, Brasil**

A hipótese mais consensual entre os estudiosos sobre a origem dos ciganos é a que sustenta que eles vêm da Índia. Essa suposição é baseada nas semelhanças entre uma das línguas ciganas, o *romani* ou *romanês*, com o sânscrito, o dialeto indiano por excelência. Mas, segundo Avraham (2013), muitos outros elementos culturais evidenciam claramente o oposto e, semelhanças linguísticas não são suficientes para determinar a origem de um povo.

O que pode ter acontecido, segundo o mesmo autor, é que os ciganos moraram na Índia durante algum tempo e se miscigenaram com os indianos, incorporando alguns elementos em seu idioma. Hoje, as evidências científicas apontam que é mais provável que os ciganos tenham morado na Pérsia e outros países do Oriente Médio antes de chegarem à Europa. Segundo Scherma *et al* (2014), comprovou-se que habitaram a Armênia e o Irã antes de chegarem a Europa pelo estreito Bósforo.

Segundo Avraham (2013), hoje os ciganos estão divididos em três grandes grupos: 1. Rom. Também chamados de Roma. Falam a língua romani. São predominantes nos países bálticos. No século XIX migraram para países europeus e também para as Américas. São divididos em vários sub-grupos como *Kalderash, Lovara, Matchuaia, Curara*. 2. Sinti. Falam a língua sinto. São predominantes na Alemanha, Itália e França onde são conhecidos como *Manouch*. 3. Calon ou Kalé. São os ciganos ibéricos, predominantes em Portugal e Espanha. Também estão presentes em outros países da Europa e na América do Sul. É dessa última etnia que pertencem os ciganos fixados em Sousa, Paraíba, Brasil com os quais trabalhamos.

Ainda hoje não é possível saber o número exato de ciganos no Brasil. Nem mesmo o IBGE sabe precisar, pois não foi colocada a opção por essa etnia em nenhum censo. Em Sousa, Paraíba, Brasil, até recentemente também não se sabia o quantitativo exato de habitantes dos três ranhos existentes, denominados de Rancho de cima, Rancho do meio e Rancho de baixo. A situação só melhorou a partir do cadastramento feito pelo Ministério Público com o fim de viabilizar o pedido judicial de usucapião coletivo que busca regularizar a área ocupada por eles desde a década de 1980, outorgando-lhes títulos legais.

Ao consultar o processo nº 08003004-57.2021.405.8202, ação civil pública de usucapião especial coletivo urbano intentado pelo Ministério Público Federal em favor da comunidade cigana, observamos um quantitativo de aproximadamente 1832 adultos. São todos ciganos sedentarizados e da etnia *Calon*.

Embora Scherma *et al* (2014) ateste que o nomadismo seja uma das maiores marcas da presença dos ciganos no imaginário popular além da língua diferenciada, esse costume sempre esteve mais presente no Brasil entre os *Calon* do que entre os *Rom*, mas em Sousa, Paraíba, por motivos principalmente econômicos, políticos e acrescentamos um terceiro, o da localização geográfica de Sousa, foram grupos de *Calon* que resolveram se fixar.

Até aproximadamente a década de 1980, o grupo era nômade e peregrinavam entre diversos estados do nordeste, sempre à procura de simpatizantes que permitissem alguma paragem durante as passagens. Segundo Manguiera e Barbosa (2019), antes da fixação, a principal forma de sustento deles se baseava na venda de equinos. Mas, com o desenvolvimento industrial e dos transportes, a atividade de venda e troca de animais tornou-se obsoleta e o comércio ambulante deixou de ser interessante. Assim, a sedentarização foi a alternativa mais viável diante do empobrecimento das condições de sobrevivência. A escolha do local de arranchamento se deu por motivos políticos, como a proximidade e alianças.

Segundo Batista e Cunha (2013), foram as articulações de alianças entre os chefes dos grupos, na época conhecidos por Pedro Maia, Vicente e Eládio e o então Deputado Federal Antônio Mariz que proporcionaram o processo de fixação que se tem hoje, havido próximo a BR 230, no atual bairro denominado de Jardim Sorrilândia III. O Deputado Antônio Mariz que também governou a Paraíba, foi um parlamentar constituinte de destaque pela posição democrática e social e em Sousa se contrapunha ao grupo político da família Gadelha. Sendo pobres numa sociedade com predominância de pobres, o viés socioeconômico não é propriamente caracterizador da diferença entre ciganos e não-ciganos em Sousa. No viés político local, os ciganos não desafiaram a tendência de reprodução e continuidades do poder político local, mas, de certo modo a reforçou.

A motivação da localização geográfica de Sousa, como cidade equidistante de 4 capitais (Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife) deve ser uma hipótese relevante e merecedora de futuras investigações. Sousa ganha força como uma periferia “viável” na ótica desse povo andante provavelmente também por esse fator de localização. Essa hipótese precisa ser posta pelas peculiaridades geográfica importante para um povo nômade na compreensão do espaço de migrações, ainda que os deslocamentos ciganos não tivessem as capitais como lugares de passagem e paragem.

Sobre a língua, Scherma *et al* (2014) diz que é mais comum entre os estudos que a língua *romani* seja estabelecida como a única ou principal existentes entre todos os ciganos. Mas a verdade é que eles falam várias línguas e dialetos, dependendo do grupo a que pertencem, pois não existe uma língua cigana universal, padronizada. O grupo de Sousa, por exemplo, se considera falante do *Kaló*, uma variação de vocábulos que eles pretendem manter como secreto para os *gadjôs* (todos os não-ciganos), mas universal entre eles.

### **O realismo mágico de Gabo**

O famoso e prestigiado autor Gabriel García Márquez, em sua famosa obra “Cem anos de solidão”, traz a saga de uma família fictícia que vive uma existência cíclica e se extingue sem devido registro de suas memórias. Trata-se de um exemplar do realismo mágico, que narra a saga familiar dos Buendía, cujas características são comuns entre as diversas famílias da

América Latina, com erros que se repetem de geração em geração, sem possibilidade de avaliações pela falta de conhecimento e/ou discernimento de suas experiências passadas.

É uma obra literária bastante divertida e envolvente, considerada o segundo maior romance da literatura de língua espanhola depois de “Don Quixote”, de Miguel de Cervantes, igualmente difundida pelo mundo. No relato dos cem anos dos Buendía, fatos comuns aos povos latinos estão presentes, como casamentos entre primos, crianças defeituosas nascendo dessas uniões, repetição de nomes para homenagear parentes mortos, etc.

Acontecimentos fantásticos são descritos na obra que fazem alusão aos relatos existentes na bíblia cristã, como a experiência dos vinte primeiros moradores que resolveram migrar de seus locais de nascimento para formar um novo povoado, em obediência a um sonho visionário de seu fundador, o patriarca dos Buendía, José Arcádio, que teve uma espécie de revelação sobre Macondo, uma cidade na qual chovia todos os dias, em semelhança ao êxodo da primeira família da bíblia, captaneada por Abraão, que migrou com alguns parentes em busca da terra prometida, Canaã, o lugar que emanava leite e mel. Vale a pena ver a transcrição dessa parte do texto, nas palavras do próprio Gabo:

Vários amigos de José Arcadio Buendía, jovens como ele, encantados com a aventura, desfizeram as suas casas e carregaram com as mulheres e os filhos para a terra que ninguém lhes havia prometido. José Arcadio Buendía sonhou essa noite que naquele lugar se levantava uma cidade ruidosa, com casas de paredes de espelhos. Perguntou que cidade era aquela, e lhe responderam com um nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que teve no sonho uma ressonância sobrenatural: Macondo. (MÁRQUES, 1967, p. 18)

Como o próprio título indica, a solidão é a grande tônica da história, que principia pelo difícil acesso do povoado, localizado entre as montanhas e um pântano. É nela e dela que seguem as aventuras de sete gerações que vivem praticamente no isolamento do resto do mundo, a não ser pelas visitas dos ciganos andantes, que quebram de tempos em tempos as ilusões que os habitantes tem de si e sobre o restante da civilização desenvolvida.

Não obstante, embora o enlace da trama do povoado de *Macondo* (que retrata a existência de muitos povoados latino-americanos) inicie pondo destaque nos sonhos do patriarca, José Buendía, é a matriarca de nome Úrsula que sobrevive a todas as gerações e cola todos os eventos com sua presença longitudinal. São 400 páginas de relatos ora corriqueiros, ora fantásticos, por isso a sua classificação como realismo mágico, pois, através deste gênero literário, mesmo os relatos extraordinários têm um pé no comum, em acontecimentos que embora pareçam sobrenaturais, são na verdade, bastante presentes entre os povos mestiços da América explorada, a exemplo da sobrevivência de pessoas que comendo terra e/ou reboco de casas.

A estória parece se passar no início do Século XX e o autor revela moradores encantados por ciganos andantes que lhes trazem, pelo menos uma vez por ano, novidades que

*Macondo* desconhece completamente e são tidas como grandes revelações místicas, oriundas de sábio e alquimistas como imãs, dentaduras, máquinas fotográficas e gelo. Segundo o autor faz crer, *Macondo* é a representação de um lugar tão remoto que muitas das coisas não tinham nem nomes para seus moradores.

Trata-se da retratação de uma época de credices tão remotas que como dissemos, remetem aos relatos contados no livro sagrado dos judeus, o Antigo Testamento que compõe também a Bíblia dos cristãos. A diferença é que os relatos orais dos judeus, não só foram passados de pai para filho, como foram escritos, daí sua perpetuação de geração em geração. De modo contrário, os Buendía, assim como os povos da América Latina explorada, tiveram sua trajetória apagada da face da terra com a morte dos seus componentes, por não conseguirem registrar por escritos suas experiências. Assim, os exploradores é que contam a versão que lhes interessam.

Publicada pela primeira vez em 1967, na Colômbia, terra natal do autor, tornou-se universal da América Latina, por não estar circunscrita somente àquele país. Conhecida no mundo inteira como exemplar desse gênero, embora não tenha sido responsável por inaugurar o realismo mágico ente nós, de tão popular que se tornou, foi responsável por abrir as portas as suas semelhantes. Influenciada pela contracultura dos anos de 1960, utilizou-se de técnicas inovadora como o tempo não linear e as mudanças constantes de perspectivas.

### **Comparações ficção e realidade, os ciganos de *Macondo* e de Sousa, Paraíba**

Na sua obra, Gabo mostra os ciganos ora como arautos do progresso, ora como mercadores de diversões, diferentemente de Sousa, Paraíba, em que os ciganos que se fixaram se chocaram com a realidade de uma cidade que embora periférica, distante 430 km da capital João Pessoa, estava em franca expansão, já tendo figurado como a terceira cidade em importância econômica do Estado, na década de 1970, época das grandes fábricas de algodão.

No romance de Gabo, os ciganos representavam o novo e o divertido, trabalhando como dançarinos e saltimbancos, nas praças e feiras de *Macondo*, pernoitando em tendas armadas nos limites da cidade, ao ar livre e andando em grupos de tamanhos variáveis. Gabo apresenta-os também como pessoas que se dedicavam a atividades excêntricas como esoterismo e leituras de mãos, além de alguns que eram músicos. Destaque para o chefe do grupo, o Melquíades, que na trama apresenta-se como alquimista e manipulador de metais, discípulo de Nostradamus e mestre caldeiro-ourives.

Por seu turno, em muitos relatos de moradores de Sousa (BATISTA e CUNHA, 2013), os ciganos são sinônimos de atraso e vagabundagem. Por isso, os relatos da relação dos ciganos com o trabalho na vida real, ou seja, daqueles fixados em Sousa, Paraíba, Brasil engloba também trabalho braçal, como a cata de algodão, além do corte de baralho e rezas místicas, como demonstra o seguinte trecho:

(...) mas passei muitos anos trabalhando lá (...), (Coloca a mão no boné) nas propriedades do velho Napoleão (...), aí eu trabalhei lá, apanhei algodão, peguei minha aposentadoriazinha, peguei (...), por que eu trabalhei, apanhei algodão mais minha esposa, lutei muito (...), lutei (...) (faz sinal com o dedo), tive treze filhos, dez homens e três mulheres (...), tá tudo criado, graça a Deus (...) graça a Deus primeiramente a (...) Doutor Neves que me aposentou e o Antônio () da Silva () que era o prefeito daqui e o () da Paraíba, () ((barulho de vento)) aí fui pra Campina Grande, bati minha chapa lá, aí foi com muito tempo, () pedir pra me aposentar, () (tira o boné) graça a Deus (Junta as mãos) a nossa senhora da Conceição. Eu leio a mão, eu corto baralho, eu rezo nas pessoas, eu tenho oração boa (faz gesto com a mão), que nem os padres sabe essa oração. (Trecho da entrevista de Seu Luiz, ponto 15).

A chegada dos ciganos no povoado de *Macondo* era descrita como bastante significativa, acontecendo na estória com a frequência de, pelo menos uma vez por ano, o que marca a caracterização desse povo como essencialmente andante na ficção. Vejamos a passagem do romance *Cem anos de Solidão* que demonstra essas características: “*Todos os anos, pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava a sua tenda perto da aldeia e, com um grande alvoroço de apitos e tambores, dava a conhecer os novos inventos. Primeiro trouxeram o imã.*” (MÁRQUES, 1967, p. 05). Por sua vez, os ciganos de Sousa, Paraíba, também lembraram na entrevista que nos deram, sobre o tempo que viviam nas andanças. Vejamos:

Por que, vossa excelência, contar a vida de cigano, nós quando chegava nas cidades, nós era expulso, nós era expulso, era um povo expulso () botava os ciganos para fora, () quando dava fé chegava a polícia ((Barulho/Voz de criança)), eu não quero cigano aqui não aí nos ia para Manel (aponta com a mão) () lá onde mora, onde dono Ademar, a Mãe dele, o Pai dele, tudinho gostava de Cigano ali () nós se acabamos de se criar ali () (Trecho da entrevista de Seu Luiz, ponto 15)

Diferentemente dos ciganos da ficção, que traziam novos inventos quando chegavam a Aldeia de *Macondo*, os *calons* de Sousa, Paraíba, Brasil não eram sempre bem recebidos nas cidades que passavam, como atesta Seu Luiz na fala acima transcrita, dando conta de que eram expulsos, provavelmente acusados de pedir esmolas e/ou praticar furtos. Os ciganos que chegavam em bandos no povoado de *Macondo*, conforme descrito no livro, conseguiam encantar e seduzir os moradores: “*Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos, e todo o mundo se espantou ao ver que os caldeirões, os tachos, os tenazes e os fogareiros caíam*

do lugar, e as madeiras estalavam com o desespero dos pregos e dos parafusos tentando se desencravar”. (MÁRQUES, 1967, p. 05).

Sobretudo, os ciganos da ficção exerciam forte influência sobre o patriarca dos Buendía, José Arcádio (MÁRQUES, 1967, p. 06): “*José Arcadio Buendía, cuja desatada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e até mesmo além do milagre e da magia, pensou que era possível se servir daquela invenção inútil para desentranhar o ouro da terra. (...) de modo que trocou o seu jumento e um rebanho de cabritos pelos dois lingotes imantados*”. Mas, o respeito que José Arcádio dispensava aos ciganos na ficção, não era partilhado pelos demais habitantes de *Macondo*, pelo menos no início da estória, pois a matriarca Úrsula desconfiava dos visitantes: “*Não tente incutir nas crianças as suas ideias de cigano*”. (MÁRQUES, 1967, p. 06). E influenciava negativamente os demais moradores sobre eles: “*Quando os ciganos voltaram, Úrsula já havia predisposto toda a população contra eles*”. (MÁRQUES, 1967, p. 06). Em Sousa, Paraíba, também há relatos, tanto de aceitação quanto de discriminação no comportamento dos demais moradores.

( ) a gente chegava naquelas propriedades ( ) ali a gente colocava criação no meio, aí as ciganas saíam pelas casas ( ) o povo dava galinha, davam feijão, ajudava a gente ( ) eram ciganos honestos, nós não viviam do mal não, agora ( ) toda a vida cigano é discriminado. (Trecho da entrevista de Seu Luiz, ponto 21)

Na ficção de Gabo, os ciganos onde passam despertam maravilhamento ou horror, como se depreende das passagens (MÁRQUES, 1967, p. 08): “*As crianças se assombraram com os seus relatos fantásticos*”. Mas Úrsula dizia: “*É o cheiro do demônio*”. Na figura do chefe descrito em sua obra, Gabo demonstra o quanto a hierarquia interna é significativa para o grupo andante: “*Um cigano corpulento, de barba rude e mãos de pardal, que se apresentou com o nome de Melquíades, fez uma truculenta demonstração pública daquilo que ele mesmo chamava de a oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia*”. (MÁRQUES, 1967, p. 05). Também na realidade do grupo existente no sertão da Paraíba, a figura do chefe é importante.

Isso é uma honra de Deus, por que eu ( ) isso foi um dom de Deus, uma natureza que Deus me deu, qualidade ( ) e Deus deu essa força ( ) e aquilo que chegava para um ( ) olhe rapaz vamos acalmar isso aí ( ) já vem puxado dos antigos, os que eu conheci, o trabalho deles eu fiquei com esse trabalho para mim. (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 27)

Na obra de Gabo também está bastante caracterizada a presença dos ciganos como um povo essencialmente grupal, que prefere viver em bando e, através das andanças pelo mundo consegue escapar da solidão e da rotina do povoado, mas também paga seu preço pelas



constantes diásporas, conforme dito na passagem (MÁRQUES, 1967, p. 08): “*Por essa época, Melquíades tinha envelhecido com uma rapidez assombrosa. (...) o cigano parecia estragado por um mal tenaz. Era, na realidade, o resultado de múltiplas estranhas doenças contraídas nas suas incontáveis viagens ao redor do mundo. Conforme ele mesmo contou a José Arcadio Buendía, enquanto o ajudava a montar o laboratório, morte o seguia por todas as partes, farejando-lhe as calças, sem se decidir a dar o bote final. Era um fugitivo de quantas pragas e catástrofes haviam flagelado o gênero humano. Sobreviveu à pelagra na Pérsia, ao escorbuto no arquipélago da Malásia, à lepra em Alexandria, ao beribéri no Japão, à peste bubônica em Madagascar, ao terremoto na Sicília e a um naufrágio multitudinário no estreito de Magalhães*”. As muitas andanças do grupo de Sousa, Paraíba também foram citadas na entrevista:

Não, naquele tempo que nós viajamos () de Pau dos Ferros, Iraúna, Cajazeiras, () São João do Rio dos Peixes aqui para o lado (faz gesto com a mão) do Rio Grande até Alexandria, Santa Cruz a gente já andava por esses () tudinho aí, a gente andava como esse povo já pra, já para saber o movimento () (Trecho da entrevista de Seu Luiz, ponto 29)

Diferentemente do imaginário comum existente sobre o povo cigano, o líder cigano Melquíades é visto na estória de Gabo como sábio alquimista, honesto e digno de amizade, conforme vemos nas passagens: “*Melquíades, que era um homem honrado, preveniu-o: ‘Para isso não serve’*”; “*lamentou-se diante de Melquíades do fracasso da sua iniciativa e o cigano, então, deu uma prova convincente de honradez: devolveu-lhe os dobrões em troca da lupa e deixou, para ele, além disso, uns mapas portugueses e vários instrumentos de navegação*”.

Olhe, () pra fazer uma comunidade, tem que ver a, a moralidade dele, o caráter, os sentimentos, e eu aproveito, uma comparação, eu sou um líder, aí tem outro aqui (olha para o lado) que é mais novo que ele desde quando é novinho, que ele vai pegando aquela minha postura () Primeiro [pode ficar bem a vontade] primeiro de tudo o respeito ao próximo, segundo a droga, o roubo, Deus me livre conversar com gente que não tem futuro, que não pode andar na sua propriedade, () gente que use droga, (2.3) e respeito. (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 31 e 33)

(MÁRQUES, 1967, p. 6 e 7). Também o chefe do grupo *Calon* que entrevistamos, a despeito das dúvidas existentes sobre as qualidades morais dos ciganos, buscou exaltar as virtudes dos membros de sua comunidade:

O chefe ficcional de nome Melquíades, de tão bem-vindo em *Macondo*, possuía um quarto sempre disponível para si na casa dos Buendías. Segundo descrito no romance *Cem anos de solidão*, o quarto de Melquíades servia também como biblioteca e laboratório de alquimia, cujos experimentos eram escritos em pergaminhos, como previsto na passagem: “*De seu próprio punho e letra escreveu uma apertada síntese dos estudos do monge Hermann, que*

*deixou à sua disposição para que pudesse se servir do astrolábio, da bússola e do sextante”;*  
*“e como uma prova da sua admiração deu-lhe um presente que havia de exercer uma influência decisiva o futuro da aldeia: um laboratório de alquimia”.* (MÁRQUES, 1967, p. 7). Por seu turno, quando interpelados sobre como sobrevivem na atualidade, o chefe do Rancho de baixo, em Sousa, Paraíba respondeu o seguinte:

Na ficção, quando os ciganos realizavam suas andanças pelos povoados eram

Hoje, hoje o cigano pede, por que tem alguns que tem gado e sua aposentadoria, tem uns que não tem, uns é vendendo relógio aí nas ruas, eles mesmos sabem que tem (aponta para quem está por trás da câmara) de dez a doze ciganos vendendo relógio, vende aqueles () ((barulho)) vende rádio () outros vendem (), outros pedem no meio da rua, () pra comer, já que nós deixamos mais aquele negócio de trocar cavalo e jumento. (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 48)

considerados como pessoas místicas: *“Aquele ser prodigioso que dizia possuir as chaves de Nostradamus (...) que parecia conhecer o outro lado das coisas. Usava um chapéu grande e*

O Estado aqui não dá ((galo canta)) () não dá nada. Se a prefeitura não faz, aí o Estado vem fazer?! O prefeito que vive aqui dentro, e secretario que vive aqui vendo isso aqui, e o governador que vive lá em João Pessoa como é que ele vai vim ver isso aqui, sem ninguém levar nada para ele. () O governo federal... esta, está um desastre, ele acabou de acabar com (...). Agora está sendo () pagando milhões e milhões (a) deputado e senador para botar () ((barulho do vento)) o senhor veja a discriminação que a gente tem aqui, que ele sabe mesmo ((aponta para alguém)) o menino ai sabe ((barulho do vento)) (digo) assim, eu coloquei esse cara aqui ()... vamos, vamos, vamos, vamos fazer uma (boa ação) para os ciganos... para nós botar os ciganos pelo menos para limpar, fazer uma limpeza (nesses matos). (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 63).

*negro, como as asas estendidas de um corvo, e um casaco de veludo patinado pelo limo dos séculos”.* (MÁRQUES, 1967, p. 8). Mas, os que se fixaram em Sousa, Paraíba não se ocupam tanto assim de parecer misteriosos, já que sujeitos às exigências da vida urbanizada, mas não totalmente estruturada:

Como o autor de Cem anos de solidão faz crer, os ciganos são pessoas geralmente expansivas, que gostam de música e vestes coloridas: *“exemplares formosos de pele e mãos inteligentes, cujas danças e músicas semearam nas ruas um pânico de alvoroçada alegria, com as suas araras de todas as cores que recitavam romanças italianas, a galinha que punha uma centena de ovos de ouro ao som de um pandeiro, e o macaco amestrado que adivinhava o pensamento e a máquina múltipla que servia ao mesmo tempo para pregar botões e baixar a febre, e o aparelho para esquecer más recordações, e o emplastro para perder o tempo, e mil invenções tão engenhosas e insólitas, que José Arcadio Buendía gostaria de inventar a máquina da memória para se lembrar de todas”.* (MÁRQUES, 1967, p. 14). Também quando estão

fixados, ainda preservam traços de sua singular extrospecção e ligação com as artes, como fazer a modinha ensaiada pela cigana idosa do Rancho de baixo, em Sousa, Paraíba:

Outra cantiga. Eu vou cantar uma modinha agora () querida teu olhar me () Pois tu és a rosa e a minha perfeição. Estava gravado o seu lindo nome com letras e () em meu coração () E pouco a pouco o tempo vai mudar. Mais Deus consente o nosso (amor) mudar. A minha alma () Verdadeiro () Para depois de (hoje) ainda te adorar. (Trecho da entrevista de Dona Isaura, ponto 198).

Além disso, são descritos na obra de Gabo como pessoas que conseguiam chegar aos lugares mais longínquos: *“todo mundo se surpreendeu por terem podido encontrar aquela aldeia perdida no marasmo do pântano, e os ciganos confessaram que haviam se orientado pelo canto dos pássaros. (...) Os ciganos navegavam seis meses por essa rota antes de alcançar a faixa de terra firme por onde passavam as mulas do correio”*. (MÁRQUES, 1967, p. 11).

Eu vou, oh o senhor veja bem, () nós estamos há mais de quarenta anos já morando aqui em Souza, aí o senhor veja bem, ele mesmo sabe, todos os, quase todos os bairros de Souza que são, reflete essa () já passou um asfalto, passou um calçamento, o senhor veja nossas condições aí, oh, ((aponta para o lado)) isso aí é lixo, está vendo? Aqui é lixo, é porque os carros estão aqui. Aqui esses esgotos, se abrir essa fossa aí, ((aponta para o lado)) nós estamos com uma ordem que eles pedem para fazer () para vim desentupir os esgotos, n´ estamos com uma ordem está com oito dias hoje, a gente liga para o telefone que está lá no plantão que eles deixam para ligação, o caba liga e fica tum, tum, tum, sem ninguém responder. A gente liga o dia todinho eu acho que isso é uma maior discriminação do mundo, porque onde tem várias crianças aqui () teve três crianças aqui com (sintomas) de calasar, por causa do lixo, dos esgotos, [olha transbordando ali, oh, água do esgoto transbordando aqui, oh?!] eles, eles ver essa situação... ((faz gestos com as mãos)) desde de oitenta e seis que eles ver essa nossa situação aqui... agora, entra prefeito, entra vereador, entra governo, entra deputado, senador, e não tem um que venha, quando era tempo de eleição “nós vamos fazer isso aquilo outro, ((gesticula com as mãos)) () aquele deputado, aquele prefeito. Aí () aquela discriminação, aí quando discrimina um lixo, um esgoto, um calçamento, uma (pavimentação) aí acabou-se () está deixando como um lixo aquele povo que mora ali. A gente se sente aqui como um lixo. (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, pontos 65 e 67)

Mas, a realidade da experiência de Sousa, Paraíba<sup>3</sup>, é a de que os ciganos têm dificuldade de serem encontrados pelos políticos depois que ganham as eleições, como vemos no trecho da fala do chefe, Seu Eládio.

---

<sup>3</sup> Sousa era um polo algodoeiro e industrial de relativa escala, uma cidade com cariz modernizante a partir da agroindústria do algodão e do leite quando os ciganos chegaram na década de 1980. Os ciganos não traziam a Sousa, ao contrário de Macondo, grandes novidades e surpresas para encantar o cotidiano dos moradores locais. O impacto dos ciganos foi positivamente assimilado pelas elites políticas no aspecto de reprodução eleitoral não de produção de algo novo do aspecto cultural e que fosse reconhecido pela população. A cidade não se encantou com muita coisa daquele grupo de adventícios que não lhe ajudava na empreitada de parecer cada vez mais com uma sociedade progressista, industrial e moderna (PORDEUS, 1986).

Mas, apesar da sua imensa esperteza e de sua aura misteriosa, os ciganos também carregam o peso de ser humano, a condição terrestre que os mantém frágeis diante de problemas comuns da vida cotidiana: *“Queixava-se de achaques de velho, sofria pelos mais insignificantes prejuízos econômicos e tinha deixado de rir há muito tempo, porque o escorbuto lhe havia arrancado os dentes. No sufocante meio-dia em que revelou os seus segredos, José Arcadio Buendía teve a certeza de que aquele era o princípio de uma grande amizade”*. (MÁRQUES, 1967, p. 8). Já as queixas dos ciganos de Sousa, Paraíba são mais graves, tem menos a ver com doenças e mais com dificuldade de subsistência, com a dificuldade de providenciar comida.

tudo morrendo de fome, () tudo morrendo de fome, eu não tenho vergonha de dizer ao senhor não, sou (chef) da comunidade, mas eu não tenho condições de dar a eles o que eles precisam não. Se o senhor sair nessas casas aqui oh, muitas casas aqui, o caba que tiver o coração bom ele vai chorar, porque tem deles que passam dias só com a água do pote. [mas graças a deus] se tiver alguém que tiver um feijão uma coisa, tira uma coisinha daquelas crianças pequenas, aí vão passar o dia... se não for não vai não. Se for esperar por... negócio de político, e essa gente ((faz gesto de negação com a mão)). (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 73)

Mas também impressiona a capacidade que eles possuem de se reinventarem, como vemos na passagem: *“De modo que todo mundo foi à tenda, e com o pagamento de um centavo viu um Melquíades juvenil, refeito, desenrugado, com uma dentadura nova e radiante. Os que recordavam as suas gengivas destruídas pelo escorbuto, as suas bochechas flácidas e os seus lábios murchos, estremeceram de pavor diante daquela prova decisiva dos poderes sobrenaturais do cigano. O pavor se converteu em pânico quando Melquíades tirou os dentes, intactos, engastados nas gengivas, e mostrou-os ao público por um instante — um instante fugaz em que voltou a ser o mesmo homem decrépito dos anos anteriores — e botou-os outra vez e sorriu de novo com um domínio pleno da sua juventude restaurada”*. (MÁRQUES, 1967, p. 9). Em Sousa, Paraíba, o próximo relato dá conta da forma como o grupo *Calon* se reinventou através da realidade necessária da fixação, que lhes retirou a liberdade, mas lhes concedeu um pouco mais de segurança.

Olha o que marca mais, era a nossa vivência, porque hoje nós estamos a bem dizer () nós estamos morando... e a nossa cultura quando nós andávamos, era uma cultura liberal (folgada) livre... porque hoje, nós não podemos sair daqui e ir (para Pombal nem para Patos) para nós trabalhar com nosso, com nosso dia a dia () nós temos que trabalhar ou aqui, ou no lar, pronto. Porque é as duas cidades que nós temos mais vizinhas. Nós não podemos sair para (nem para Cajazeiras ((faz gestos com a mão)) nós não podemos fazer isso. E antigamente nós fazíamos, nós chegávamos aqui, nós mexíamos aqui, quando os () piorava nós saía daqui ia para outras cidades lá naquela () nós fazia () ((gesticula com as mãos)) (...) A gente não pode mais sair porque, primeiro de tudo a gente não tem condições de se mover daqui para aquela... para aquelas cidades mais (afastadas) () tem condução de carro, () e outra [não tem mais os animais] não tem mais os animais, nós não temos transporte. (Trecho da entrevista do Chefe Eládio, ponto 79 e 83)

Nem tudo era facilidade para os ciganos que chegavam a *Macondo*, pois também esses por vezes eram rechaçados, como percebemos na passagem seguinte: “*Quando os ciganos saltimbancos voltaram, agora com a sua feira ambulante transformada num gigantesco estabelecimento de jogos de sorte e azar, foram recebidos com alvoroço, porque se pensou que José Arcadio regressava com eles. Mas José Arcadio não voltou, e nem trouxeram o homem-víbora que, conforme pensava Úrsula, era o único que podia dar informações de seu filho; de modo que não se permitiu aos ciganos que se instalassem no povoado nem que voltassem a pisá-lo no futuro, porque os consideraram como mensageiros da concupiscência e da perversão*”. (MÁRQUES, 1967, p. 26 e 27). Por causa de tais preconceitos é que a origem egípcia é uma teoria bastante famosa nas narrativas ciganas contidas nas entrevistas que realizamos. A nossa hipótese é a de que os ciganos pretendem identificar sua trajetória com as histórias bíblicas do povo hebreu, que possuem maior referência e aceitabilidade entre os auditórios. Vejamos o trecho que faz transparecer essa compreensão:

( ) os ciganos eram da palestina, são filhos do Egito, aí eles ( ) a cigana Esmeralda, Ana, eram irmãs, Maria que era cigana, a mulher de Abraão, Abraão era cigano ( ) aí de lá houve essa perseguição ( ) os ciganos acompanhava Jesus na montanha ( ) quando Jesus estava aí os ciganos chegavam, quem são vocês? Nós somos os ciganos, queremos lhe acompanhar ( ) eles num vinham das cidades não, o rei, o rei ( ) aí ( ) arrumavam aquele minério ( ) aí subia os caminhos cheios ( ) de comida ( ) nas montanhas, orando a Deus, Sara, Moisés, Isaque ( ), os três reis magos eram ciganos. (Trecho da entrevista do Seu Luiz, ponto 21).

A questão das uniões ciganas, tanto com pessoas da mesma etnia, quanto com não-ciganos, desperta curiosidades tanto na trama de *Macondo*, quanto no tempo de amores líquidos de nossos dias: “*A cigana se desfez de suas camisetas superpostas, das suas numerosas anáguas de renda engomada, do seu inútil espartilho de arame, da sua carga de miçangas, e ficou praticamente reduzida a nada. (...) Na noite de sábado, José Arcadio amarrou um pano vermelho na cabeça e foi-se embora com os ciganos. Quando Úrsula descobriu a sua ausência, procurou-o por toda a aldeia. No acampamento desmanchado dos ciganos, não havia mais que uma vala de detritos, entre as cinzas ainda fumegantes das fogueiras apagadas. Alguém que andava por ali procurando miçangas no lixo disse a Úrsula que na noite anterior tinha visto o seu filho no tumulto da farândola, puxando uma carreta com a jaula do homem-víbora. “Entrou pra cigano!”*, gritou ela ao marido, que não tinha dado o menor sinal de alarme pelo desaparecimento”. (MÁRQUES, 1967, p. 24). Em Sousa, Paraíba ouvimos o seguinte relato sobre casamentos de ciganos:

() Os ciganos não (namoravam) não, quem fazias os casamentos () era os pai e a mãe. Porque a minha mulher, a mãe dela era prima da minha mãe. O pai dela era primo do meu pai. ((faz gestos com as mãos)) e primo de minha mãe, meu pai era primo e minha mãe () tudo primo carnal. Aí eles chegavam e diziam, “vem cá” a minha mãe chegava e minha vó dizia, que era minha () e o velho meu sogro, “comadre vamos casar Luiz” () eu casei com a minha mulher () vamos casar Luiz com Maria? “vamos” casava e () até hoje (). (Trecho da entrevista do Seu Luiz, ponto 105).

Por último, mas não menos importante, trazemos a questão da língua ou linguagem típica dos ciganos. As referências sobre esse traço distintivo dos ciganos são vagas na obra de Gabo: “*Eram ciganos novos. Homens e mulheres jovens que só conheciam a sua própria língua*” e “*Dirigiu-se a vários ciganos que não entenderam a sua língua*”. (MÁRQUES, 1967, p. 14). Em outra passagem um pouco mais extensa, o personagem principal confunde alguns visitantes que chegaram em Macondo com os antigos ciganos: “*José Arcadio Buendía levou muito tempo para se restabelecer da perplexidade, quando saiu na rua e viu a multidão. Não eram ciganos. Eram homens e mulheres como ele, de cabelos lisos e pele parda, que falavam a sua mesma língua e se lamentavam das mesmas dores*”. (MÁRQUES, 1967, p. 26). O tratamento do tema linguagem na entrevista havida em Sousa, Paraíba, dão conta de que os ciganos estiveram presentes no seguimento de Jesus e na confusão das línguas da Torre de Babel, daí a noção de que se trata de um presente divino dado a eles:

O nosso idioma é uma coisa que veio dada por Deus tanto de um cigano, tanto faz eu aqui saber, como os ciganos, sendo cigano se ele estiver em Brasília ele sabe o mesmo nosso idioma. () Isso aí, foi feito na época que estavam fazendo a Torre de Babel, para, para pedi o céu, o rei estava fazendo. Aí Jesus foi e deu esse idioma aos ciganos, é lindo o que nós falamos, é lindo o que Deus (nós) deu. (Trecho da entrevista do Seu Luiz, ponto 105)

### **Os ciganos na periferia do mundo: *Macondo* e Sousa, Paraíba**

Os cenários de localização dos ciganos no presente trabalho são locais de periferia, territórios coloniais e onde as experiências de espaço e tempo são também periféricas no sentido de dependerem de um “centro” que está deslocado deles mesmos. Ciganos, índios e negros rompem as barreiras de tempo e espaço num contexto de periferia colonial de processos mais imediatos e de história curta para os demais atores da maioria “estabelecida” e colonizada. Os ciganos, por exemplo, falam de uma história milenar e de origens extracontinentais que são estranhas para o entorno populacional de história muito mais recente, sem grandes pretensões de ligações milenares que as levaria para fora da definição de comunidades periféricas.

Tradicionalmente os ciganos são conhecidos como povos nômades e desprovidos de um território próprio, circunscrito em fronteiras físicas. (TEIXEIRA, 2009). É assim também que eles estão colocados na obra de Gabo. Os ciganos como uma nação sem um território delimitado e, sobretudo, sem pretensões de tê-lo. Não reivindicam o espaço senão o direito de passagem e de “paragem” e proteção a sua integridade física. As comunidades ciganas que perpassam a obra de Gabo desejam apenas situar-se numa dinâmica progressiva orientada à integração social temporária de *Macondo*.

Por sua vez, quando fixados, mesmo que na periferia de uma cidade do sertão do Estado da Paraíba, Brasil, ficam no pertencimento da periferia do Brasil que é também a periferia do mundo civilizado. Ainda assim, pretendem mais direitos, como igualdade com os demais habitantes da cidade, o fim da exclusão deles e o respeito mútuo de todas as identidades representadas no mundo.

A divisão fronteira é vista como uma fileira hostil para muitos ciganos, uma vez que representa uma fratura na continuidade do espaço que eles querem seguir quando são nômades. Mas alguns grupos ciganos resolveram se fixar, como os *Calons* de Sousa, Paraíba que abandonaram os hábitos nômades e agora assumem a identidade cidadã no lugar em que escolheram se fixar. Mesmo assim, a relação entre Estado e povos nômades ou ex-nômades sempre foi conturbada devido ao fator territorialidade. De forma que restavam duas alternativas para aos governos dos lugares de rota e paragem: ou deixar que os ciganos passassem rapidamente por seu território; ou fazer com que eles se fixassem no mesmo. Alguns governos têm tentado ao longo da história, forçadamente expulsar grupos minoritários como ciganos, índios e quilombolas, ao alegar que os diferentes representam uma ameaça ao sucesso material e a segurança ontológica das comunidades já existentes.

A ausência de mais forte conexão entre ciganos e território certamente passa por outra ausência, a dos direitos de propriedade, nos quais a perspectiva cigana se distancia daquela que predomina na sociedade dominante. Em especial, a relação com a terra é de passagem e paragem, direito de atravessar e “pousar” não se apropriar e melhorar a terra. Daí que o “território cigano” pode ser o de uma cidade que os acolhe como *Macondo* ou Sousa, Paraíba, mesmo que eles não detenham direitos legais reconhecidos sobre o solo delas. É sobretudo uma realidade cultural e não jurídica, as relações na periferia são corpo-a-corpo, de contatos diretos, sem as mediações formais e legais que presidem as relações sociais mais ditadas pelo Centro sobre a periferia.

As relações com o Estado e mediadas pela categoria “território” são tensas. Os ciganos evocam uma relação ancestral com outras terras onde também não tinha fixação. De certo modo,

sob esse aspecto, são um grupo ou coletivo de pessoas que destoam das premissas do Estado moderno. Este é regido por ideia de espaço nacional, étnico e geográfico definido.

A periferia é primordialmente composta por etnias não dominantes e essas minoritárias desafiam a compacta formulação moderna de um povo (raça e etnia), num território delimitado e sob a regência de uma autoridade legítima. Tudo isso articulado num tempo presente, real e não atravessado de fantasias, como é a ancestralidade bíblica e abramica invocada pelos ciganos. Aos modernos Estados-nação centrais da sociedade colonial, os ciganos evocam as reminiscências das “civilizações mamelucas” do Oriente médio, agora na periferia geo-política do mundo.

Na leitura decolonial de Santos (2018), a fronteira é tida como o espaço de colonização do outro, que fica às margens do sistema mundial, das hierarquias e subordinações. Sendo a transformação da modernidade construída, conforme o autor, através das dicotomias Norte-Sul e Ocidente-Oriente, a primeira tem uma conotação fundamentalmente socioeconômica e a segunda sociocultural nas relações de globalização, porque em todo o lado há uma dominação do outro e uma subordinação dos mercados e das formas de produção aos interesses do centro.

Mesmo assim, o autor tem fé que daí emergirão as formas de consciência dos outros, da violência dos sistemas de dominação, insurgirá a vontade de rebelião, a consciência do sofrimento humano. Segundo o autor, é nesse contexto que sai a experiência de luta por um mundo alternativo, a vontade de emancipação social.

A emergência do novo paradigma nestes territórios de fronteira, segundo Sousa Santos deverá ocorrer nas suas margens. A fronteira do mundo global é o espaço onde o paradigma dominante encontra as maiores resistências em se implementar, sendo dessas resistências que deverá surgir as novas formas de organização e conhecimento. Será também nesses espaços afastados dos centros que deverão ser mais perceptíveis as incoerências das formas de dominação.

Pela sua natureza fluida estes espaços marginais são espaços difíceis de caracterizar, pois neles tanto são visíveis formas estruturais dominantes, como formas de poder emergentes. Por isso, são espaços de conflitos, mesmo que velados. Esses conflitos que importam analisar podem se constituir como espaço de ação, uma ação que tem que ser construída a partir de protagonistas da transição.

As fronteiras como a experiência dos limites geográficos e socioculturais são locais onde as existências se tornam possivelmente intensas. E a vivência dos limites é uma



experiencia possível em comunidade. Não interessa neste domínio as idiossincrasias individuais, uma vez que neles não se traduzem em interações sociais. A intervenção do individual na fronteira só é bem-vinda quando gera inovação. Mas, dada a instabilidade dos processos nos espaços de fronteiras, a inovação precisa ser um elemento que permite ultrapassar problemas.

### **Considerações finais**

O encontro de ficção e realidade tendo como eixo os ciganos reforça a percepção de estes são personagens com vivências tanto reais quanto distópicas, mágicas ou fantásticas. Portadores de narrativas que extrapolam ou transcendem o cotidiano e as rotinas locais, são representantes de uma periferia em diáspora numa outra periferia colonial e com ares de estabelecida (Macondo) e modernizante (Sousa). O incômodo e o paradoxo de um grupo que vê o espaço como passagem e paragem, gera uma perspectiva diversa na cultura ou rotina hegemonicamente de fixação sedentária.

A cultura cigana tem se adaptado e sobrevivido ao longo do tempo. Embora haja pouca bibliografia sobre ela no Brasil, é um assunto que vem sendo estudado cada vez mais, principalmente em trabalhos de cunho antropológico, que apresentam a história cultural e apontem sofrimentos diante da exclusão social. Formas de melhorar as condições de vida e o impacto da modernidade sobre as tradições também são uma constante nas investigações sobre esse povo. Mas, percebemos nesse trabalho que a presença cigana na literatura ainda é comprometida pela forte dominância de uma mentalidade colonizadora, sobretudo quando autores de “resistência” desconsideram seu apelo estético. Mas, Gabo quebrou esse paradigma em sua obra célebre “Cem anos de solidão”.

Antes do contato com essa minoria, fosse por meio de leituras ou conversas, já sabíamos que os ciganos realizavam andanças pelo mundo, mas não tínhamos certeza de que se miscigenaram com vários povos. Por isso, compreendemos agora que a cultura deles não apresenta traços únicos, mas possui características que se diferenciam nas várias realidades de espaço-tempo que atuam.

Como vimos nos relatos colhidos em Sousa, Paraíba, desde muito tempo, em muitos lugares que os ciganos tenham estado, há notícia do preconceito contra eles. A justificativa mais utilizada para atitudes severas de banimento social é a de que são pessoas que praticam furtos

recorrentemente, bem como todo tipo de fraudes. Quando não muito, basta o fato de serem “estranhos” conforme os moldes tradicionais para que atitudes hostis sejam tomadas.

Mesmo quando tentam se fixar, conforme visto nas entrevistas realizadas na cidade de Sousa, Paraíba, nos Ranchos dos *Calons* que moram lá há quase quatro décadas, a imagem de ladrões, trapaceiros e vagabundos ainda os impedem de viver uma cidadania plena. Em pleno século XXI, constatamos que muitos ciganos da cidade ainda continuam excluídos dos direitos mais básicos como saúde, habitação e emprego. (SOUZA, ABRANTES e LIMA, 2020).

As fronteiras como o vilarejo de *Macondo* e a cidade de Sousa, Paraíba, constituem-se para nós pesquisadores como formas de sociabilidade privilegiadas para a observação, mesmo que através da realidade mágica, como na obra de Gabo.

As comunidades de fronteira, como percebemos por Santos (2018), são espaços onde se cruzam as tradições locais e as tradições que resultam dos movimentos de confronto. São espaços que se tentam reconstituir com base na mestiçagem, na construção de normas e hierarquias dinâmicas, no estabelecimento de relações fluidas. São processos como os de *Macondo*, onde se confrontam tempos diferenciados, produzidos em espaços diferenciados.

Observamos certa instabilidade, tanto na ficção quanto na vida real, nas relações estabelecidas, tanto as de cunho horizontais como as verticais, posto que se estabelecem entre Estado e cidadãos e entre cidadãos e eles mesmos. Nas fronteiras, como na cidade de Sousa, Paraíba, os ciganos continuam vivendo numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas ações e palavras do Ministério Público Federal, posto que se esconder não é mais remédio quando não possuem ainda os valores conferidos pela letra da lei estrita conferindo a proteção do território que ocupam, que não significa o mesmo que “propriedade” para os representantes do capitalismo.

A construção de novos paradigmas é um esforço de fronteira, pois segundo Santos (2018), estar na fronteira implica numa distância com relação aos centros de poder e de saber. Compreender este mundo em processo de inovação é a busca latente deste trabalho, partindo da ficção escrita para as realidades locais que queremos transcrever. Circunscrevê-lo fez-nos captar essa dinâmica, revelando-a ao dela também participar.

## **Referências**

AVRAHAM, Sándor. **A verdadeira origem dos ciganos (Rom e Sintós)**. Traduzido por João Romano Filho. Disponível em:<<http://www.imninalu.net/Rom-ciganos.htm>> Acesso em: 16 jun, 2021.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel. CUNHA, Jamilly Rodrigues da. **Os ciganos em Sousa-PB**: Refletindo os modos de ser cigano a partir do atual cenário político brasileiro. Revista Interfaces de Saberes. V. 13, n.1 (2013). Disponível em:<<https://revista.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/issue/view/11>> Acesso em: 6 jun, 2021.

LEVINSON, S. Activity types and language. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (Orgs.). **Talk at work: interactions and institutional settings**. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 1992. p. 66-100.

MANGUEIRA, Vitória Raíssa Ferreira. BARBOSA, Antônio Carlos Leite. **Sertão cigano, o caso de Sousa-PB**: Percepções da realidade socioespacial dos *Calon* após três décadas de sedentarização. XVIII ENANPUR – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Natal/RN, 2019.

MÁRQUEZ. Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 48ª Ed. Editora Record Rio de Janeiro. São Paulo, 1967.

PORDEUS, Julieta. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A União, 1986.

SANTOS. Boaventura de Souza. **A Gramática do Tempo**: para Uma Nova Cultura Política. Editora Cortez. 3ª edição, 2018.

SCHERMA, Márcio Augusto *et al.* **Os ciganos e as relações internacionais**. ENEPEX 2014 - 8º ENEPE UFGD e 5º EPEX UEMS (Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária).

SOUZA, Gilton Sampaio de. ABRANTES, Elaine Maria Gomes de. LIMA, Sueílton Junior Braz de. **Ser cigano no século XXI em teses e valores dos “mais” velhos do Rancho do Eládio, em Sousa-PB**. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 27, 2020, p. 95-115.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil: uma breve história**. 2 ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

